

## Tempo e espaço no Bairro Fonecas e Calçada

a experiência urbana de Raúl Hestnes Ferreira

Alexandra Saraiva

*Alexandra.saraiva@iscte-iul.pt*

*Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), DINÁMIA'CET-IUL, Lisboa, Portugal<sup>1</sup>*

*Universidade Lusíada Norte, Porto, Portugal<sup>2</sup>*

*Investigadora<sup>1</sup>, Professora Auxiliar<sup>2</sup>*

Com este artigo pretende-se analisar o quarteirão como um processo geométrico elementar, conforme Lamas afirma que adquiriu 'estatuto na produção de cidade, como unidade morfológica' (1993, 88). Ao cruzar tal abordagem com a interpretação de Henri Lefebvre e de Manuel Castells, cujas teorias em associação com o planeamento determinam a democracia, apresenta-se a análise da intervenção SAAL coordenada por Raúl Hestnes Ferreira para o Bairro Fonecas e Calçada, em Lisboa. No bairro projetado pela equipa de Raúl Hestnes Ferreira, as tipologias habitacionais adequaram-se à evolução vivencial de acordo com os diferentes processos de conceção, edificação e gestão, um pouco em contradição ao que aconteceu noutras intervenções SAAL. O respeito pela população e pelos anseios de cada morador, foi concluído no atelier do arquiteto em 2016, com a entrega das licenças de utilização a cada proprietário, das duas cooperativas económicas, Unidade do Povo e 25 de Abril. Concluiu-se que Raúl Hestnes Ferreira, projeta o bairro entendendo sempre a forma urbana como uma relação entre partes (projetistas, decisores políticos e população) onde o final só é perceptível quando relacionado com o todo.

### Introdução

O percurso académico e profissional transcultural de Raúl Hestnes Ferreira, da Finlândia aos Estados Unidos da América, proporcionou um entendimento sobre as questões urbanísticas bastante diferenciador. Na Finlândia, as aulas de Urbanismo de Otto Meurman e as de Estúdio de Arquitetura com Heikki Siren, no Instituto Finlandês de Tecnologia de Helsínquia foram importantes para perceber que urbanismo não dependia apenas da relação dos edifícios entre si, como também da implantação na cidade, de questões de ordem económica e de questões de ordem social.

Nos Estados Unidos da América entre fevereiro e março de 1962, frequentou o Departamento de Arquitetura e Estudos Urbanos da Universidade de Yale. Assistiu<sup>1</sup> a aulas de História da Arquitetura Moderna, dadas por Vicent Scully, de Urbanismo dadas por Tunnard, e desenvolveu um projeto no Estúdio de Arquitetura, com Paul Rudolf, com Woods (da firma parisiense Candilis, Woods e Josik, antigos colaboradores de Le Corbusier) e Wu. (Saraiva, 2011)

Depois, enquanto aluno do *Master in Architecture* do Departamento de Arquitetura e Estudos Urbanos da Universidade da Pensilvânia, estudou Estúdio de Arquitetura, orientado por Louis Kahn, com o apoio de Norman Rice e Le Ricolais e frequentou as cadeiras de História da Cidade, de E.A. Gutkind, Estrutura Urbana, de Holmes Perkins, Sociologia Urbana, de Chester Rapkin, Estruturas de Betão, de August E. Komendant e de Paisagismo de Georges Erwin Patton, e assistiu a conferências

---

<sup>1</sup> Cfr., a primeira Entrevista a Raúl Hestnes Ferreira realizada por mim no seu atelier no dia 12 de outubro de 2009, e que se encontra em anexo na minha tese de Doutoramento.

semanais de Lewis Mumford, Holmes Perkins, Mac Harg, Burle Max, Charles Eames e Crane, entre outros, incrementando consideravelmente o seu conhecimento sobre Planeamento Urbano.

No período que trabalha no atelier de Louis Kahn, entre 1963 e 1965, em Filadélfia, participa nos seguintes projetos: no Planos dos Centros Governamentais do Paquistão em Dacca e Islamabad; nos Edifícios da Assembleia Nacional em Dacca e Islamabad; no Hospital Principal em Dacca, como arquiteto responsável; na Escola Superior de Administração em Ahmedabad, União Indiana; e no projeto para a Escola de Arte em Filadélfia, não construído.

Este percurso académico diferenciador, foi determinante na abordagem posterior. A sua prática profissional em Portugal, dividiu-se em duas vertentes: Arquitetura e Planeamento Físico e Urbano, ainda antes de ir para os Estados Unidos da América, colabora no gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Almada, coordenado por José Rafael Botelho, na definição do Plano Director do Concelho de Almada, entre 1960 e 1962. Depois de regressar a Portugal, nos anos 1966 e 1967, trabalha no Gabinete Técnico da Habitação (GTH) da Câmara Municipal de Lisboa, no Plano Director Municipal, e em projetos para Chelas. Durante uma década, entre 1970 e 1980, faz parte da Direção Geral das Construções Escolares, participando entre outros projetos, na revisão do Plano da Cidade Universitária de Lisboa. Coincidindo, em parte, com este período, entre 1976 e 1986, deu apoio na divisão de Gestão Urbanística da Câmara Municipal de Beja.

Raúl Hestnes Ferreira na vertente de Planeamento Físico e Urbano desenvolve em 1971, o plano UNOR 15, para Campolide, parte integrante do Plano Director de Lisboa, tendo sido interrompido em 1972 por indefinição camarária. Quase coincidente com o anterior, desenvolve entre 1971 e 1972 a Reestruturação do Esquema Viário Principal para a cidade de Lisboa, entre Sete Rios, o Hospital Santa Maria e Benfica e posteriormente desenvolve o Plano do novo Centro Administrativo e Institucional UNOR 40<sup>2</sup>, que estava diretamente ligado ao Plano Director de Lisboa, que não foi construído. O desenvolvimento deste último plano, foi o motivo principal, para a sua escolha como líder da equipa SAAL, para o Bairro FONSECAS e CALÇADA, pelo facto de ter um conhecimento e estudos prévios sobre o local.

### **As leituras internacionais das políticas de habitação**

Em termos de políticas de habitação, o início do século XX foi determinante nas diferentes propostas de ocupação do quarteirão; experiências como as *Hoff*, projetadas por Karl Elm, em 1927 ou as *Sieglunden*, de Ernest May entre 1925 e 1930, definiram novas implantações em contradição com a definição tradicional de quarteirão, compacto e fechado nos quatro lados. O pós-guerra na Europa e as questões do acesso à habitação, determinaram diferentes abordagens e experiências urbanas.

Entender as leituras internacionais pressupõem enquadrar as implicações sociais e psicológicas da participação. Henri Lefebvre considerava que a apropriação, conduziria a transformação social e económica, dos processos de produção habitacional. Num artigo publicado na revista *Architecture d'Aujourd'hui*, em 1966, Lefebvre defende a restituição da rua como espaço de vida social, onde analisa a cidade tradicional face aos resultados do urbanismo moderno. Demonstrando como o espaço contemporâneo impede as práticas sociais, e a interação entre os indivíduos.

Em total acordo com Bandeirinha (2011, 115) considero que esta leitura é a que melhor descreve as complexas implicações sociais e psicológicas da participação nos processos de produção habitacional.

---

<sup>2</sup> Este plano foi realizado pelo arquiteto Raúl Hestnes Ferreira em colaboração com Gonçalo Ribeiro Telles, Jorge Gaspar, Vicente Bravo Ferreira e Rodrigo Rau.

Castells, posterior a Lefebvre, questionava a convicção com que este geógrafo afirmava a utilização das “práticas sociais nos domínios espaciais, [...] a determinação do conteúdo pela forma.” (Bandeirinha, 2011, 41)

Em oposição as políticas europeias e resultado de um regime ditatorial, que perdurou até 1974, as questões relacionadas com a habitação, foram negligenciadas pelo Estado Português. A forte ruralização do país e o baixo nível de industrialização, foram determinantes nas condições de habitabilidade e na proliferação de assentamentos informais, correntemente referenciados por bairros de lata ou ‘barracas’, junto dos centros urbanos, com especial incidência em Lisboa e no Porto.

Em Portugal, o primeiro Colóquio focado na problemática da habitação, a cargo do Sindicato Nacional dos Arquitetos, aconteceu em 1960. Entre as várias apresentações, quer de arquitetos portugueses, quer estrangeiros, destacou-se Nuno Portas, salientando “[...] a necessidade de constituição de uma “Secção de Problemas Psicossociológicos do ‘Habitat’” e de um “Instituto de Habitação e Urbanismo [...]” (Bandeirinha, 2011, 65).

Só nove anos mais tarde, realizar-se-ia o Colóquio sobre Política de Habitação, entre 30 de junho e 5 de julho de 1969, como iniciativa do Ministério das Obras Públicas. Apesar de tais necessidades, encontrarem-se já patentes nos Planos de Fomento <sup>3</sup> I e II, este colóquio foi muito importante, quer na leitura e na influência da interpretação e resolução do problema da habitação. O principal objetivo era “estabelecer um conjunto de medidas” e tentar delinear uma “estratégia integrada para a resolução dos problemas”. (Bandeirinha, 2011, 70)

Raúl Hestnes Ferreira, no seu artigo de opinião sobre o 'Encontro Nacional de Arquitectos Dezembro de 1969', publicado no número 110, de Julho/Agosto de 1969 da *Arquitectura* <sup>4</sup>, descreve com algum pesar o encontro,

“Sob o risco de evoluir para o anti-arquitecto, o arquitecto não poderá abdicar, mesmo à nossa escala, do visionário que é parte da sua natureza e que lhe permite intuir as transformações a efectuar na Cidade; ao abdicar dessa força cultural ele será (é) o último, o mais negativo, o mais desiludido dos burocratas, o instrumento mais cruel e consciente da especulação. Só o decorrer do tempo, a vitalidade, qualidade e engenhosidade das iniciativas futuras poderá dar resposta à pergunta: - O Encontro afinal acabou naquele dia 8 de Dezembro?” (Ferreira, 1969, 202)

Segundo Seco (2016, 138) as revistas *Arquitectura* e *Binário*, foram determinantes e abrangentes, não limitando o âmbito da arquitetura, mas abrindo as abordagens teóricas e críticas aos domínios “da teoria, da história, da sociologia, da semiologia, do planeamento, da paisagem, do património, da habitação social, da construção, dos congressos, da organização dos arquitectos e do seu papel social.” No processo das políticas de habitação o papel de Nuno Portas, enquanto secretário de Estado foi determinante, “Portas dava muito mais relevo à necessidade do Estado regular e apoiar, técnica e economicamente, a dinâmica das populações e o seu esforço para resolver o problema do alojamento” (Bandeirinha, 2011, 112)

No período anterior a revolução de 1974, foram surgindo alguns exemplos de arquitetura de modo a dar resposta aos programas habitacionais de promoção pública, no entanto foi em Lisboa e no Porto

---

<sup>3</sup> O I Plano ocorre entre 1953 e 1958, o II Plano vigora entre 1959 e 1964 e por último o III Plano de Fomento ocorre entre 1968 e 1973.

<sup>4</sup> Neste número da revista *Arquitectura*, para além de Raúl Hestnes Ferreira, foram publicados artigos dos arquitetos Leopoldo de Almeida, Francisco Keil do Amaral, Nuno Teotónio Pereira, Júlio Saint-Maurice, Luiz Vassalo Rosa, Carlos Roxo, Alberto Oliveira/Luís Filipe Medeiros/ Manuel Vicente e Gonçalo Byrne.

que mais se fizeram sentir os protestos gerados pela repressão, por isso, mais rapidamente se procuravam soluções para a questão da habitação, do direito à habitação e a à propriedade. Convém sublinhar que algumas das mais importantes construções do período pré 25 de Abril, só foram finalizadas após o mesmo.



Fig. 1 – MANIF  
Fonte: Fundação Marques da Silva, Espólio do Raúl Hestnes Ferreira

A figura.1 é elucidativa da vontade da população de lutar por condições melhores e em especial garantir o direito à habitação, como necessidade básica para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária.

### **SAAL, uma política de habitação em Portugal**

Surge então o programa SAAL, um programa, com uma duração muito curta<sup>5</sup>, com um forte impacto em Portugal e uma enorme repercussão na Europa, por Despacho do Ministério da Administração Interna e do Ministério do Equipamento Social do Ambiente de 31 de julho de 1974. A habitação surgia como programa central no debate que se realizava nesse período, mobilizando a classe dos arquitetos a colocarem o seu saber ao serviço dos ideais revolucionários, que em grande medida se centravam na escassez de casas para albergarem a população que habitava em condições de grande precariedade, nomeadamente nas franjas das principais cidades de Lisboa e Porto.

Como Alexandre Alves Costa refere no prefácio da Tese de Doutoramento de José António Bandeirinha,

---

<sup>5</sup> No dia 27 de outubro de 1976 o Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção, pelo seu Ministro Eduardo Pereira e o Ministro da Administração Interna, Costa Brás, assinaram um despacho que extingue o programa SAAL.

“além da construção e concretização de uma política de habitação, o SAAL foi terreno para uma reflexão sobre a cidade e o estabelecimento de novas metodologias de intervenção que, tendo como princípio os mecanismos da democracia direta, garantissem o direito à cidade e ao lugar, como travões à sua estratificação classista e à especulação imobiliária, bem como o compromisso com todo o património edificado e com os seus valores históricos e culturais associados.” (Bandeirinha, 2011, 10)

A afirmação internacional da geração de Raúl Hestnes Ferreira ocorre em 1976, no número 185 da *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Dois anos após a Revolução que depusera 48 anos de ditadura em Portugal, a revista francesa dedica um dossier temático a Portugal que intitulou de *'Portugal an II'*. Bernard Huet (1932-2001), então editor chefe do periódico francês, desafiou Raúl Hestnes Ferreira para, com o apoio de Manuel Miranda, organizarem uma leitura crítica da situação do país, no complexo momento pós-revolucionário. José Augusto França (n.1922), Manuel Vicente (1934-2013), Gonçalo Byrne (n.1941), Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), Vítor Figueiredo (1929-2014) e Álvaro Siza Vieira (n.1933), entre outros, debatem retrospectivamente a arquitetura portuguesa naquele momento, lançando linhas para reverter as carências que se verificavam. Raúl Hestnes Ferreira elabora o artigo *'Le 25 Avril 1974... et les architectes'*, que antecedia o extenso artigo de Brigitte David sobre as várias operações de habitação em curso, ao abrigo do Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL).

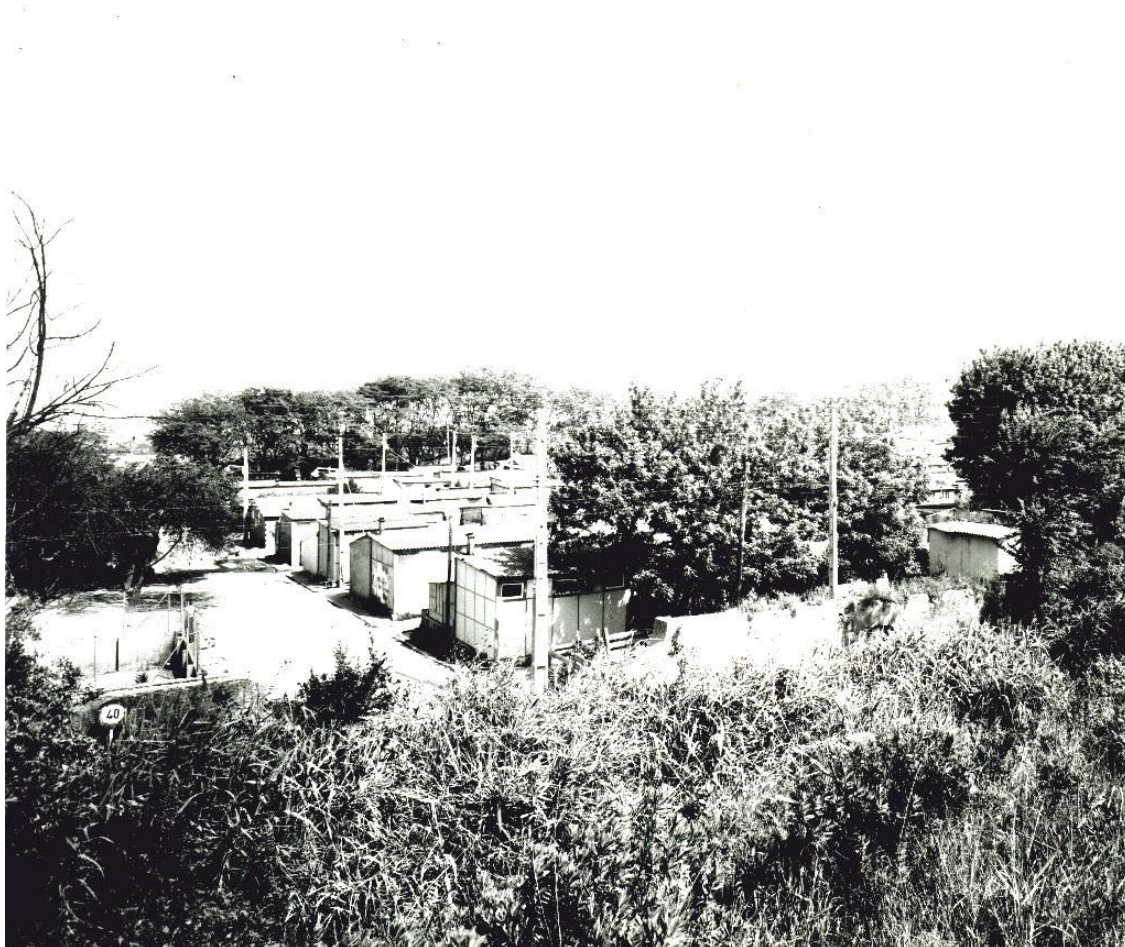


Fig. 2 – Vista panorâmica sobre o Bairro na Quinta da Calçada  
Fonte: Fundação Marques da Silva, Espólio de Raúl Hestnes Ferreira

A figura.2 e a figura.3 correspondem a caracterização do local, a primeira corresponde ao bairro precário, que existia na Quinta da Calçada<sup>6</sup> e a segunda ao bairro de lata que estava construído na Quinta das Fonsecas.



Fig. 3 – Vista panorâmica sobre o Bairro na Quinta das Fonsecas  
Fonte: Fundação Marques da Silva, Espólio do Raúl Hestnes Ferreira

No seu artigo, Raúl Hestnes Ferreira (1976, 58-59) reflete sobre as consequências do SAAL para o futuro da profissão em Portugal, salientado como a classe se tinha adaptado aos novos tempos e permitido às gerações mais novas ter amplas possibilidades de trabalho, pelo facto de se identificarem com o sentido político e social da revolução. Na opinião de Raúl Hestnes Ferreira, o futuro da profissão, estava dividido entre aqueles que tinham assumido lugares de decisão/poder e aqueles que operaram o projeto de interação em consonância com a ideologia. E concluía referindo que esse futuro dependia obrigatoriamente da evolução social e política de Portugal e da vontade de construir para as pessoas de uma forma participada, respeitando a condição de cada indivíduo. Podendo evidenciar a importância de Lefebvre na proposta de intervenção de Raúl Hestnes Ferreira.

Para Raúl Hestnes Ferreira, o problema da escolha das tipologias não poderia depender exclusivamente da definição dos arquitetos. A escolha de habitações coletivas na sua operação dependia inteiramente dos moradores e estava associada à consciente rejeição dos modelos ruralistas individuais. Para ele, enquanto arquiteto, as vantagens do SAAL, estavam no carácter inovador e

---

<sup>6</sup> O bairro da Quinta da Calçada foi edificado em 1938, pelo Estado Novo, para cerca de 500 famílias, situava-se no Campo Grande, junto à Azinhaga das Galhardas. Era constituído por pequenas habitações pré-fabricadas em lusalite, divididas em células de três, quatro e cinco dependências. Este bairro já dispunha de infraestruturas várias, de edifícios escolares, lavadouro público e uma igreja. As habitações eram previamente mobiladas de forma estereotipada e com mobiliário simples e dispunham de um pequeno terreno em frente à casa. Cada inquilino pagava um preço médio que variava entre os 30 e os 50 escudos mensais, de renda. No entanto, o bairro foi perdendo qualidade, com o avançar dos anos. No obstante a aplicação do regulamento interno, que existia para o bom convívio entre moradores e para a preservação das instalações, que condicionava a vida dos moradores.

imprevisível do trabalho. Sem serem premeditadas, as consequências do processo no plano da descentralização das decisões e no da participação das populações foram realmente marcantes.

“Quanto à produção propriamente dita, punha dúvidas pertinentes: era possível garantir bons níveis de qualidade num sistema de produção do tipo autogestionário? Haveria alternativas entre a produção artesanal e as grandes empresas industrializadas? A sua opinião era que, no contexto urbano, as opções não podiam ser unificadas e era necessário encontrar processos que diversificassem os sistemas produtivos.” (Bandeirinha, 2011, 224)

Raúl Hestnes Ferreira divergia também da opinião de Gonçalo Byrne, quanto à relação arquiteto *versus* morador, achava que se estabelecera um outro tipo de elo, do tipo cliente, sem dúvida, mas que tinha em conta os contextos da luta, da divisão do trabalho e da produção económica. (Ferreira, 1976, 78-81)

As várias operações SAAL, não foram coincidentes, em Lisboa o SAAL/Centro-Sul, teve um entendimento e concretização diferente do realizado no Norte, uma vez que em muitos casos as populações locais reivindicavam a tipologia do prédio de habitação, sinónimo de mobilidade social e de recusa da autoconstrução.

### Tempo e espaço no Bairro Fonsecas e Calçada

O Bairro Fonsecas e Calçada (1975-1987) integra-se no Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL) construído em Lisboa, à época povoada por habitações precárias e barracas, ao todo previa-se a construção de 314 fogos na 1ª fase e 301 fogos na 2ª fase, não tendo sido concretizado na íntegra, no final foram construídos 355 fogos nas duas fases. A equipa de projeto foi liderada por Hestnes Ferreira, com o apoio de uma brigada técnica <sup>7</sup> e duas cooperativas económicas, a Unidade do Povo e 25 de Abril.

Na seguinte tabela [tab.1] verificamos a dimensão do projeto e a distribuição dos fogos pelos blocos/ lotes, bem como a dimensão e áreas de implantação correspondentes. Todos os dados que se apresentam, correspondem aos dados que foram submetidos no processo de regularização em 2016 para o Bairro Fonsecas e Calçada (BIP/ZIP 58). Tendo finalmente, sido possível a regularização da situação da construção, bem como o levantamento e legalização dos edifícios com a emissão das respetivas Licenças de Utilização e a elaboração de Bilhetes de Identidade de cada um dos 355 fogos.

Bloco/ Lote	Fogos	Área do Lote	Área de implantação	Superfície de pavimento para			Número de pisos	
				Habitação	Equipamento	Comércio	a cima da cota de soleira	a baixo da cota de soleira
A	82	2.196,00m <sup>2</sup>	1.891,00m <sup>2</sup>	6.870,00m <sup>2</sup>	972,00m <sup>2</sup>	86,00m <sup>2</sup>	4	1
B	156	3.691,80m <sup>2</sup>	3.227,00m <sup>2</sup>	12.881,00m <sup>2</sup>	451,00m <sup>2</sup>	149,00m <sup>2</sup>	4	1
C	97	4.080,00m <sup>2</sup>	1.975,05m <sup>2</sup>	8.039,00m <sup>2</sup>	296,30m <sup>2</sup>	582,50m <sup>2</sup>	4	1

Tabela 1: Dados Bloco/ Lote – Bairro Fonsecas e Calçada.

Autora: Alexandra Saraiva

Fonte: Fundação Marques da Silva, Espólio do Raúl Hestnes Ferreira.

<sup>7</sup> Denominação dada às equipas técnicas do SAAL, na sua maioria constituídas por jovens arquitetos e estudantes, que elaboraram diversos planos e projetos nas zonas degradadas das cidades. O diagnóstico que elaboraram da situação habitacional de cada bairro permitia a orientação técnica das associações de moradores. Esta foi constituída por: Adelaide Cordovil, Afonso Conde Blanco, Afonso Pissarra, Aminadade Pio, António Assis Freitas, Aurélio Bravo, Carlos Abreu Vasconcelos, Eugénio Castro Caldas, Fernando Silva Pereira, Jaime Pereira, Jesus Noivo, João Luis Carrilho da Graça, Jorge Farelo Pinto, Jorge Gouveia, José de Pina Cabral Trindade, José Ferreira Crespo, Manuel Morim, Manuel Samora, Maria Augusta Henriques, Maria do Rosário Leal, Maria dos Anjos Alves, Mário Martins, Quirino Marques da Silva, Hugo Hugon, Salustiano Santos, Sebastião Formosinho Sanches, Vicente Bravo Ferreira.



Segundo Serpa (2014) o Bairro Fonsecas e Calçada, caracteriza-se por “projeto bairro”. A associação à ideia de legibilidade e identidade defendida por Lynch (2011, 18) quando analisada ao tempo de desenvolvimento, ao abrigo de quadros legais e de períodos sociopolíticos específicos, são os motores da “condição de fazer cidade.” (Serpa, 2014)

Essencialmente estes bairros localizam-se, tendencialmente, distantes da cidade consolidada e procuram estabelecer conexões com os fenómenos urbanos em seu redor. São conjuntos que, ao nível do projeto urbano, definem espaços diferenciados, recorrendo com alguma regularidade à forma do quarteirão através da habitação coletiva e com a inclusão de espaço público no seu interior.

As três diferentes dimensões sociológicas associadas ao espaço habitacional, devem ser compreendidas, não só separadamente, mas também na relação que é estabelecida entre elas, e neste bairro, são fundamentais. Correspondem ao Espaço privado (individual ou familiar), ao Espaço coletivo e ao Espaço público. A conceção das estruturas físicas que as suportam, conseguem responder às necessidades específicas, estruturando-as de forma coerente e bem definida. Entre o espaço coletivo e o público, neste bairro, existe o espaço semipúblico. Este não aparece fisicamente demarcado ou isolado como o coletivo, no entanto a sua conceção espacial distingue-o de alguma forma do espaço público.

Raúl Hestnes Ferreira pela implantação que atribui aos Blocos A e B, formulando três praças quadrangulares interiores, define um espaço público contínuo e percorrível, ligando-o às praças triangulares a norte, consegue uma configuração diferente e marcante do bairro. No entanto no Bloco C, a configuração é mais tradicionalista, ao encerrar o limite do lote, privilegiando o seu interior com criação de espaço interior quadrangular. Deste modo, impõem uma ordem na edificação dos fogos ao privilegiar a criação de pátios/praças interiores, potenciando a vivência entre moradores.

A equipa apresentou inicialmente diversas hipóteses para a conceção urbanística e para a tipologia dos fogos, no que se refere à caracterização do Bairro. Inicialmente das tipologias apresentadas para discussão, propunham três hipóteses: a primeira, contemplava casas pátio de um piso evolutivas para dois pisos, a segunda propunha edifícios em banda de dois pisos e a terceira edificações com quatro pisos como limite máximo, para evitar elevadores. Tendo sido a última hipótese a escolhida pelos Moradores - quatro pisos.

Quanto à ocupação do solo, e tendo em conta a necessidade de definir o estatuto dos espaços livres (públicos, semipúblicos e privados) no seu equilíbrio com os espaços habitacionais e de equipamento. A equipa tentou perceber a sensibilidade dos moradores sobre as hortas sociais, tema que tinha naquele momento, bastante pertinência. No entanto a resposta foi perentória: - Por favor não criem hortas!

Esta resposta, foi justificada pelo facto de recearem, que familiares próximos pudessem ocupar, novamente estes espaços com a instalação de construções precárias, não querendo a proliferação de mais núcleos de barracas.

Quanto aos fogos, após a rejeição pelos moradores das galerias propostas, optaram pela definição tradicional de uma escada de acesso aos fogos associados dois a dois na conceção dos edifícios em banda. Norteados por conceitos de economia, fundados nos estudos efetuados sobre a capacidade financeira dos moradores, tentaram equilibrar os seus recursos com os preços dos fogos, reduzindo o dimensionamento das circulações, escadas e fogos ao mínimo possível sem prejuízo do conforto dos moradores.



No entanto a solução normalizada, teria variantes nas zonas de entrada dos edifícios e zonas de canto ao proporem mini galerias de acesso a um terceiro fogo através da mesma escada, esta foi a solução de compromisso, com o sentido de redução dos custos.

O traçado viário existente, do Eixo Norte-Sul e a implantação dos edifícios de habitação, assim, a conceção e modulação dos fogos, a definição da tipologia dos edifícios, foram conjugados de modo a permitir que a execução dos arruamentos avançasse em paralelo com as empreitadas da edificação. Com base nestes pressupostos e após a execução dos arruamentos essenciais para a estruturação desta área, foi executado o primeiro conjunto habitacional do Bairro Fonsecas e Calçada, o Bloco A, com 82 fogos, ao mesmo tempo que era construída a Escola Primária adjacente, tipo P3 para substituir a velha escola do Bairro da Calçada. No bloco B, os 156 fogos articulam-se a partir dessa ordem urbana e a sua acessibilidade conjuga a caixa de escadas tradicional com pequenas galerias. Ao nível do solo a distribuição é mais complexa, em resultado da pendente do terreno, surgem rampas que conectam espaços contidos e de permanência, delimitados pelos edifícios.

Bloco C é autónomo, o lote corresponde a um quarteirão, numa localização próxima aos blocos A e B e alberga 97 fogos. Todas as soluções foram definidas tendo em conta as tipologias desejadas para a estruturação dos edifícios, concebidos com uma frente para a rua e outra para um pátio interior, sendo o acesso aos fogos em regra realizados a partir do interior dos pátios. Assim, para além do usufruto da rua, muitas vezes concebida como alameda, havia a possibilidade de utilizar o pátio interior de diversos modos, nomeadamente através da conceção de um anfiteatro ao ar livre pela equipa projetista.

As fachadas dos 3 blocos apresentam uma diversidade compositiva imposta pela organização interna dos fogos, conforme se constata nas figuras anteriores (Fig.4) e (Fig.5).



Fig. 4 – Vista do conjunto do Bairro na Quinta das Fonsecas – Blocos A e B  
Fonte: Fundação Marques da Silva, Espólio do Raúl Hestnes Ferreira



Fig. 5 – Vista do conjunto do Bairro na Quinta das FONSECAS – Bloco C  
Fonte: Fundação Marques da Silva, Espólio do Raúl Hestnes Ferreira

O ritmo das fachadas dos vários blocos é definido pela dimensão e posicionamento dos vãos, pelos cheios e vazios, por algumas consolas, dando ao conjunto um sentido complexo, apesar de inscrito numa geometria quarteirões e bandas.

Raúl Hestnes Ferreira identifica que os aspetos fundamentais no habitar se centram no entorno doméstico polarizador da vida em comum. Defende opções de adaptabilidade, em que através de uma adequada conceção estrutural e de um cuidadoso dimensionamento, permita alterar a disposição das zonas de dormir e de estar, quer em função do uso: comuns/privadas; quer em termos temporais: dia/noite doméstico.

Tal como Nuno Portas (2004) Raúl Hestnes Ferreira procurou entender a relação entre a habitação e os moradores, assim como as suas necessidades básicas, psicológicas e sociológicas, com o objetivo de estruturar uma metodologia de trabalho e não necessariamente de obtenção de soluções.

O fator participativo associado a esta operação manteve Raúl Hestnes Ferreira ligado ao bairro desde a sua construção, ao longo de quatro décadas, apoiando os moradores na concretização de pequenas alterações, bem como para a regularização patrimonial do bairro.

### **Conclusão**

O programa SAAL enquanto instrumento político, centrado nos programas de política urbana habitacional, foi inovador no contexto nacional e internacional, onde a equidade social e urbana era o objetivo a alcançar, a partir de uma profunda reconstrução urbana, com a permanência das populações, nos respetivos locais onde existiam os bairros precários. No entanto, fruto do tempo de vigência (no período revolucionário, entre 1974-1976 e pós-revolucionário, após 1976), não

permitiram uma concretização efetiva em todas as intervenções, nem igualmente distribuída pelo território nacional.

Durante a década de 70, do século XX, a problemática da habitação foi estendida as diferentes ciências sociais, em especial a economia e a sociologia, tendo como principais intervenientes Nuno Portas e Seda Nunes. Como resultado, existiram momentos de encontro e de confronto entre o arquiteto social com o sociólogo urbano.

Raúl Hestnes Ferreira, tal como Nuno Portas, procura estabelecer um “modo de pensar o habitat social” e, por isso, afasta-se por completo a apresentação de um “projeto de habitação ideal”. (2004, 13-14)

O entendimento do trabalho do arquiteto enquanto respeitador das aspirações do homem e da individualidade de cada um foi determinante, nas decisões de Raúl Hestnes Ferreira.

Enquanto responsável da intervenção SAAL, para o Bairro FONSECAS e CALÇADA, integrou, ouviu e respeitou todos os intervenientes (técnicos, moradores, decisores políticos), tentando alcançar os desejos da população residente.

### **Agradecimentos**

Ao arquiteto Raúl Hestnes Ferreira pela disponibilidade e pela cedência de todo o material necessário, bem como ao apoio dado ao longo de todo o meu processo de investigação.

À família do arquiteto, mais concretamente às filhas Sílvia, Adriana e Ingrid, que após a morte do seu pai, em fevereiro de 2018, permitiram-me o acesso a todo o espólio até a doação e transferência para a Fundação Marques da Silva, em julho de 2018.

Este artigo integra a investigação em curso de pós-doutoramento, intitulada *A monumentalidade revisitada – Hestnes Ferreira, entre intemporalidade europeia e classicismo norte americano (1960-1974)*, suportado pela FCT, através de uma bolsa, com a referência (SFRH/BPD/11868/2015), sediado no DINAMIA’CET, do Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL.

### Referências bibliográficas

- Bandeirinha, J. A. (2011). *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1265-2>
- David, B. (1976). Le SAAL ou l'Exception Irrationnelle du Système. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, (185), 60-66
- Ferreira, R.H. (1969). Encontro Nacional de Arquitectos, Lisboa, SNBA, 6 a 8 de Dezembro de 1969. *Arquitectura*, (110), 202-203
- Ferreira, R.H. (1976). Le 25 Avril 1974 ... et les Architectes. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, (185), 58-59
- \_\_\_\_\_. SAAL Architectes, quel Avenir? *L'Architecture d'Aujourd'hui*, (185), 78-81
- Ferreira, R.H. (1980) Operação SAAL e novo Bairro das Fonsecas/Calçada na cidade de Lisboa. *Arte e Opinião* (10)
- Ferreira, R.H. (1984). Bloco C do Novo Bairro Fonsecas-Calçada. *Arquitectura*, (152), 63-65.
- Lamas, J. (1993). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lynch, K. (2011). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Portas, N. (2004). *A Habitação Social. Proposta para uma metodologia da sua arquitectura*. Porto: Faup Publicações
- Saraiva, A. (2011), *A Influência de Louis Kahn na obra de Hestnes Ferreira*, Universidad de Coruña
- Seco, R. (2016). Antes do recomeço: a cidade nas revistas *Arquitectura* e *Binário*. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, (33), 133-143. <https://dx.doi.org/10.15847/citiescommunitiesterritories.dec2016.033.art08>
- Serpa, F. (2014). O tempo dos padrões que modelam a cidade. Lisboa, os projectos urbanos habitacionais de promoção pública - 1910|2012. Paper presented at the *VI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Bogotá*. <http://upcommons.upc.edu/handle/2099/15890>